

# Desemprego de Jovens no Brasil\*

Priscilla Matias Flori<sup>S</sup>

Palavras-chave: desemprego; jovens; primeiro emprego; Brasil.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a estrutura do desemprego dos jovens no Brasil, procurando identificar os motivos da taxa de desemprego dos jovens ser muito superior à dos adultos. Apesar de sua importância, este tema tem recebido pouca atenção na literatura sobre o mercado de trabalho brasileiro. Na primeira análise deste estudo, decompõe-se a taxa de desemprego em dois determinantes, duração média e taxa de entrada no desemprego de jovens, adultos e idosos; percebe-se que a duração do desemprego é praticamente a mesma para as três categorias, enquanto a taxa de entrada dos jovens é maior que a das outras duas, sendo, portanto, o determinante que faz com que o desemprego juvenil seja mais elevado que o de trabalhadores mais velhos; assim, com uma nova decomposição da taxa de entrada de jovens, verifica-se que cerca de 80% dessa taxa é composta de jovens que já trabalharam. Outro método será o cálculo, para jovens e adultos, das matrizes de transição entre os estados do mercado de trabalho. Para avaliar a questão do desemprego dos jovens no Brasil, recalcula-se as taxas de desemprego de cada categoria, substituindo uma de cada vez nas matrizes, as probabilidades de transição da outra categoria; os resultados mostram a alta rotatividade dos jovens no mercado de trabalho. Com esses resultados, conclui-se que a causa do alto desemprego dos jovens não está na dificuldade em conseguir o primeiro emprego.

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18- 20 de Setembro de 2004.

\*Doutoranda em Economia do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE-FEA/USP).

# Desemprego de Jovens no Brasil\*

Priscilla Matias Flori<sup>S</sup>

## Introdução

A falta de emprego é vista por muitos como um grave problema social que vem afetando tanto economias desenvolvidas como em desenvolvimento. Nas últimas décadas, houve uma deterioração do mercado de trabalho em todo o mundo, com o aumento da taxa de desemprego e diminuição da taxa de emprego (Korenman & Neumark, 1997).

O emprego e o desemprego dos jovens são questões de preocupação crescente por parte dos governos e da sociedade, uma vez que a participação média do jovem na população economicamente ativa nos últimos vinte anos, no Brasil, é de 25,87%. Este trabalho apresenta um estudo empírico que visa mostrar a concentração do desemprego dos jovens e analisar seus determinantes, cobrindo um tema muito pouco estudado no Brasil. Esta abordagem é relevante, pois constitui um subsídio às políticas de longo prazo e programas sociais de suporte. Ou seja, o conhecimento da estrutura do desemprego juvenil e de seus determinantes permite identificar o perfil dos trabalhadores desempregados e integrá-los ao mercado, focando de maneira mais adequada políticas de geração de emprego.

A taxa de desemprego juvenil tem sido mais alta que a de adultos e idosos em todo o mundo. Mesmo em períodos de crescimento econômico e queda dos níveis de desemprego global, o desemprego juvenil não diminui, pelo menos na mesma proporção, sendo também comum a sua expansão nestes períodos. No Brasil, a taxa média de desemprego do jovem nos últimos vinte anos é de 13,39%, e a do adulto e idoso, 4,48% e 1,15%, respectivamente.

É nessa faixa etária que se concentra a maior parte das pessoas que incorporam-se ao mercado de trabalho pela primeira vez. Um argumento é que a causa do alto desemprego juvenil está na dificuldade do jovem em conseguir o primeiro emprego. Outro argumento associa a um sistema de educação inadequado frente às exigências do mercado de trabalho e à incapacidade dos jovens permanecerem na escola. Outros autores, como Silva (2001), destacam a opção, por parte dos empresários, por trabalhadores adultos, que somam experiência e hábitos de trabalho mais sedimentados, o que seria mais um obstáculo para o jovem, principalmente para a obtenção do primeiro emprego.

Diante dessas considerações, temos as possíveis justificativas para o desemprego juvenil. Este trabalho tem como objetivo contribuir para a análise da estrutura do desemprego juvenil, e identificação dos determinantes da tão elevada taxa de desemprego dessa categoria. Para tal, verifica-se empiricamente o que acontece no caso brasileiro, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil<sup>1</sup>, de 1983 a 2002.

Além desta introdução, o trabalho está dividido em mais quatro seções. A segunda traz uma rápida revisão da literatura nacional e internacional. Na terceira seção, faz-se uma

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18- 20 de Setembro de 2004.

<sup>S</sup> Doutoranda em Economia do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE-FEA/USP).

<sup>1</sup> As seis principais regiões metropolitanas no Brasil são: São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador.

decomposição do desemprego de jovens, adultos e idosos, e, assim, observa-se qual componente (duração do desemprego ou taxa de entrada no desemprego), faz com que essas três categorias sejam diferentes entre si. Posteriormente, com base nesse resultado, será feita uma nova decomposição deste componente em jovens que já trabalharam antes e os que estão em busca do primeiro emprego. Na quarta seção, serão apresentadas as probabilidades de transição entre as situações ocupacionais, e as taxas de desemprego associadas a elas, entre os três estados do mercado de trabalho, de jovens e adultos. Serão feitas simulações de como seria a reação da taxa de desemprego caso as probabilidades do jovem fossem iguais às do adulto, e vice-versa, fazendo substituições nas respectivas matrizes de transição. Então, pode-se responder a seguinte questão: será realmente a dificuldade em obter o primeiro emprego a causa dos jovens apresentarem uma taxa de desemprego tão alta, ou será a alta rotatividade no mercado de trabalho juvenil? Caso o motivo estiver associado ao primeiro emprego, isso pode ser considerado um problema passível de intervenção governamental. Entretanto, o principal motivo pode ser, simplesmente, a maior taxa de transição do emprego para o desemprego, ou seja, o jovem entra e sai de um emprego em um curto período de tempo. Finalmente, a quinta seção apresenta a conclusão deste trabalho.

## **Revisão da Literatura**

Os jovens apresentam uma taxa de desemprego elevada e muito maior que a de trabalhadores mais velhos, e isso acontece em todo o mundo. Nesta seção, apresenta-se alguns dos trabalhos realizados sobre desemprego juvenil em âmbito nacional e internacional. Estudos sobre a questão do desemprego juvenil são mais frequentes na literatura internacional. Parte desses trabalhos detém-se aos programas de combate ao desemprego em cada país, e seus respectivos resultados. Entre eles, estão os trabalhos de Burgess et al. (1998) para a Austrália, e Fougère et al. (2000) para a França.

Há estudos que procuram medir a contribuição de mudanças na estrutura da população para as mudanças no mercado de trabalho de jovens. Korenman & Neumark (1997) concluem que mudanças na população não têm muito efeito nos problemas de emprego nas economias desenvolvidas. Para os EUA, Shimer (1999) aponta que um aumento na parcela de jovens reduz tanto o desemprego juvenil quanto o de adultos, sendo uma explicação a migração de trabalhadores jovens para os estados com baixo desemprego (implicando em uma maior rotatividade por parte dos jovens). Já Blanchflower & Freeman (2000) constatam que, apesar da participação dos jovens na população ter caído, da oferta de emprego ter se direcionado aos setores que empregavam relativamente muitos jovens, e do crescente número de jovens que apenas estudam, a situação do jovem no mercado de trabalho piorou em relação ao adulto: salários e taxas de emprego caíram, e o desemprego subiu em todos os países, embora muitos esperassem o contrário quando a geração *baby boom* se tornasse mais velha e em seu lugar entrasse um menor número de jovens.

Alguns trabalhos entram na questão do primeiro emprego. Lassibille et al. (2001) analisam a entrada dos jovens no mercado de trabalho espanhol focando, por um lado, a duração do desemprego depois de completo o período escolar, e, por outro, a transição entre o estudo e o trabalho durante este período inicial do primeiro emprego. Os autores comparam os jovens que deixaram a escola antes de ingressar em uma faculdade e os que têm nível superior; concluem que estes últimos têm menor dificuldade em achar o primeiro emprego.

Outros estudos procuram explorar a abordagem que leva em consideração as causas da alta taxa de desemprego enfrentada pelos jovens. Nessa linha de estudo, para os Estados Unidos, pode-se citar o trabalho de Clark & Summers (1982), em que se procura fazer uma análise da dinâmica do desemprego juvenil, e levantam-se duas explicações principais: a visão da rotatividade enfatiza movimentos frequentes de entrada e saída do emprego; uma

segunda visão sugere que o problema real é a falta de vagas de emprego (grande parte do desemprego juvenil deve-se a um grupo relativamente pequeno de jovens que apresenta dificuldade em achar trabalho e sofre longos períodos sem emprego, a maioria dos períodos de desemprego são curtos devido às altas taxas de desistência da força de trabalho, e não devido ao encontro de emprego). Leighton & Mincer (1979) mostram que, para jovens, a rotatividade é maior que a duração (com adultos ocorre o contrário), e concluem que o desemprego cai com a idade devido ao tempo de experiência em um emprego (é por ter pouco tempo de emprego que o jovem tem uma incidência maior no desemprego). Conclusões essas que também são apontadas por Freeman (1979) e Fisher (2001).

Apesar da maior atenção dada à questão do desemprego nos últimos anos, na literatura sobre o mercado de trabalho brasileiro, poucos são os estudos sobre a estrutura do desemprego dos jovens, apesar das altas taxas de desemprego que esta categoria sempre apresentou. Recentemente, a estrutura do desemprego e seus determinantes começaram a ser mais estudados. Alguns destes trabalhos são de Corseuil (1994); Corseuil et al. (1996); Rocha (1993); Barros et al. (1997); Fernandes & Picchetti (1999) e Menezes-Filho & Picchetti (2000). Especificamente sobre os jovens, mas não necessariamente sobre sua estrutura do desemprego, podemos citar Sarriera et al. (2000); Corseuil et al. (2001) e Silva (2001), além de duas coletâneas publicadas pela Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD) (1998).

Em seu trabalho sobre a estrutura do desemprego no Brasil, Barros et al. (1997) investigam como variam a incidência e a duração do desemprego ao longo de seis dimensões, sendo uma delas a idade. Seus resultados apresentam a categoria de jovens com altas taxas de desemprego, baixas durações médias do desemprego e elevada probabilidade de entrada no desemprego, sendo esta categoria caracterizada por exibir uma alta rotatividade. O desemprego cai com a idade, fato associado a uma redução, com a idade, na probabilidade de entrada no desemprego ou a um crescimento, com a idade, na probabilidade de saída dele, ou a ambos. Resultados esses que são semelhantes, no que refere-se à idade, aos de Fernandes & Picchetti (1999), que analisam a estrutura do desemprego para o Brasil metropolitano, entre diferentes dimensões sócio-econômicas da população. A alta rotatividade do jovem também foi encontrada no trabalho de Menezes-Filho & Picchetti (2000) e de Orellano & Picchetti (2002). Os primeiros fazem uma análise dos determinantes da duração do desemprego na região metropolitana de São Paulo. Orellano & Picchetti (2002) chamam a atenção para a alta rotatividade da mão-de-obra no Brasil.

Após essa breve resenha da literatura, procura-se explorar as causas da alta taxa de desemprego enfrentada pelos jovens no Brasil. Como mencionado acima, um resultado normalmente encontrado pelos autores é que a rotatividade é maior entre os trabalhadores jovens, mas isso não é estudado com mais atenção como nos trabalhos internacionais com a finalidade de descobrir se ela é responsável pelo alto desemprego desse grupo populacional ou não. Na próxima seção, serão analisados os determinantes do desemprego de acordo com a metodologia aplicada por Layard et al. (1991), que será apresentada juntamente com seus resultados para Estados Unidos e Inglaterra. E, na quarta seção, como em Clark & Summers (1982), será apresentada uma análise da dinâmica do desemprego juvenil, porém, com uma investigação mais aprofundada das matrizes de transição. Desse modo, pode-se indicar os principais motivos para o elevado desemprego dos jovens no Brasil.

## **Fluxos de Emprego e Desemprego**

Nesta seção, o objetivo é analisar a estrutura do desemprego dos jovens, nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil, entre os anos de 1983 e 2002, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). A taxa de desemprego será decomposta em

dois determinantes, duração média e taxa de entrada no desemprego, das três categorias, jovens (de 14 a 24 anos de idade), adultos (de 25 a 59 anos de idade) e idosos (com mais de 60 anos de idade). Por uma questão de simplificação, serão considerados apenas dois estados do mercado de trabalho, emprego e desemprego. Com isso, pode-se indicar o determinante que diferencia as categorias e faz com que o desemprego juvenil seja mais elevado que o de adultos e idosos. Posteriormente, usando somente a categoria dos jovens, decompõe-se esse determinante em um componente que leva em consideração apenas jovens que já trabalharam e um que considera apenas os que estão à procura do primeiro emprego. Com esses resultados, torna-se possível definir o principal responsável pela alta taxa de desemprego juvenil brasileira.

#### Fonte de Dados

A base de informações utilizada nesse estudo, como já mencionado anteriormente, será a PME, realizada nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil, entre os anos de 1983 e 2002<sup>2</sup>. A PME investiga um domicílio por quatro meses consecutivos, para nos oito meses subsequentes e retorna para outro período de quatro meses, sendo, então, excluído. Aqui, considera-se apenas uma das oito entrevistas de cada indivíduo (a primeira delas), desde que este fizesse parte da população economicamente ativa, o que gerou uma amostra composta por 1.697.260 observações, no total das seis regiões e dos vinte anos considerados. Divide-se a população nas seguintes categorias: jovens (de 14 a 24 anos de idade), adultos (de 25 a 59 anos de idade) e idosos (com mais de 60 anos de idade). Nessa amostra, 60% dos indivíduos são do sexo masculino, 27% são jovens, 70% são adultos e 3% são idosos. A idade média dos jovens é de 20 anos, a dos adultos é de 38, e a de idosos é de 66 anos.

Para este estudo, a população economicamente ativa será definida como a população com 14 anos de idade ou mais que trabalhava ou procurava trabalho na semana de referência da pesquisa. A duração do desemprego será entendida como o número de meses de desemprego decorrido até a data de referência da pesquisa.

#### Metodologia

Nesta seção, o foco são os fluxos entre emprego e desemprego. Na próxima seção, será apresentado um quadro mais completo do mercado de trabalho juvenil, onde serão examinados os movimentos de entrada e saída da força de trabalho, com os três estados do mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

Para fazer a análise da duração média e da taxa de entrada no desemprego, serão utilizados três indicadores básicos: a taxa de desemprego de estado estacionário para a categoria; a taxa de entrada no desemprego da categoria (que será a taxa na qual as pessoas deixam o emprego para o desemprego); e a duração média do desemprego para os desempregados da categoria (que será, em estado estacionário, o tempo médio para aquele que entra no desemprego e lá permanece). Em estado estacionário, é conveniente pensar a taxa de desemprego<sup>3</sup> como:

$$\text{Taxa de desemprego} = \text{Taxa de entrada} \times \text{Duração média.}$$

Será utilizada uma identidade, na qual se considera a taxa de desemprego ( $U/N$ ) de uma dada categoria como a razão entre o número de pessoas desempregadas ( $U$ ) e o número

---

<sup>2</sup> Para o ano de 2002, os dados se restringem apenas aos seis primeiros meses do ano (janeiro a junho).

<sup>3</sup> As transições entre os estados do mercado de trabalho são tratadas como um processo de Markov, no qual o desenvolvimento futuro do processo, dado que está em um estado, depende apenas do estado e não de como o processo chegou a esse estado.

de pessoas empregadas ( $N$ ), seguindo a metodologia adotada por Layard et al (1991). A taxa de entrada no desemprego ( $S/N$ ) será a razão entre o número de pessoas que estavam desempregadas por um mês ou menos ( $S$ ) e o número de pessoas empregadas. E, a duração média do desemprego ( $U/S$ ) será a razão entre o número de pessoas desempregadas e o número de pessoas que estavam desempregadas por um mês ou menos. Portanto,

$$\frac{U}{N} \equiv \frac{S}{N} \cdot \frac{U}{S} \quad (1)$$

Layard et al. (1991) apresentam a decomposição do desemprego e suas variações para os EUA e Inglaterra. Além da taxa de desemprego, taxa de entrada no desemprego e duração média, mais uma estimativa de duração média do desemprego é apresentada. A primeira segue o modelo acima descrito, onde a duração média é a razão entre o número de desempregados e o número de pessoas que entraram no desemprego em um período inferior a um mês ( $U/S$ ). A segunda (chamada de duração média incompleta do desemprego) é resultado da razão entre a soma da duração do desemprego de cada indivíduo desempregado e o número total de desempregados. Para os EUA, as variações no desemprego se devem tanto à duração média quanto à taxa de entrada no desemprego. As duas medidas de duração média são muito próximas, apesar da segunda ser um pouco mais alta que a primeira. Já para a Inglaterra, as variações no desemprego para indivíduos do sexo masculino devem-se principalmente à duração média. As duas medidas de duração diferem-se bastante uma da outra, sendo a segunda praticamente três a quatro vezes maior que a primeira, possivelmente porque os indivíduos podem superestimar o tempo que eles estão desempregados. Layard et al. (1991) explicam o fato da segunda medida da duração média ser maior que a primeira demonstrando que a taxa de saída do desemprego é muito menor para longas durações de desemprego. Para uma explicação mais detalhada, ver Layard et al. (1991).

Desta forma, duas razões seriam responsáveis para a duração média dos episódios completos ser diferente da duração média dos episódios em andamento até o momento da pesquisa. A primeira é que a duração média dos episódios em andamento subestima a duração dos episódios completos uma vez que parte da duração destes não é computada, ou seja, há uma interrupção dos episódios de desemprego. A segunda razão é que a amostra de desempregados em um determinado momento tende a super-representar os episódios de longa duração, por estarem em andamento no momento da pesquisa, o que leva a uma superestimação da duração média. Porém, quando a distribuição da duração dos episódios é exponencial, estes dois efeitos se cancelam.

Será feita, primeiramente, uma decomposição do desemprego em duração média e taxa de entrada no desemprego (rotatividade no mercado de trabalho juvenil), com o objetivo de identificar qual desses componentes diferencia a taxa de desemprego dos jovens, fazendo com que ela seja mais alta. Em seguida, será feita a decomposição da taxa de entrada no desemprego juvenil entre dois grupos: jovens que buscam o primeiro emprego e jovens que já trabalharam antes (transição do emprego para o desemprego). Esta abordagem explícita, assim, o quão importante é a questão da “dificuldade” em se achar o primeiro emprego para explicar uma taxa de desemprego juvenil tão alta.

## Resultados

As estimativas anuais para os indicadores utilizados (taxa de desemprego, taxa de entrada e duração média no desemprego – completa e incompleta<sup>4</sup>) para cada categoria

---

<sup>4</sup> A duração média incompleta do desemprego é também maior que a completa no Brasil, como Layard et al. (1991) e Barros et al. (1997) demonstraram com para longas durações de desemprego. E os dados utilizados

investigada, em cada região metropolitana, foram calculadas. Como ilustração, na Tabela 1 a seguir, apresenta-se a média desse período de vinte anos de cada indicador para São Paulo.

**TABELA 1**  
**Média das taxas de desemprego e entrada, duração média completa e incompleta do desemprego, segundo faixa etária, São Paulo, 1983-2002**

Categoria	TD (U/N) <sup>1</sup>	TE (S/N) <sup>2</sup>	DMC (U/S) <sup>3</sup>	DMI <sup>4</sup>
Jovem	13,39	3,73	3,59	4,31
Adulto	4,48	1,09	4,11	4,61
Idoso	1,15	0,26	4,42	6,64

Fonte: Construído pela autora com base na PME

<sup>1</sup>TD (U/N): taxa de desemprego, em porcentagem (indivíduos desempregados/indivíduos empregados)

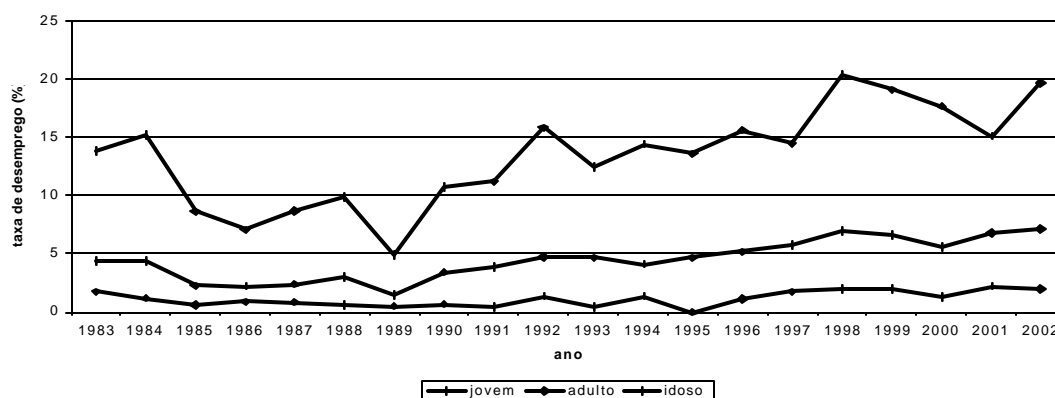
<sup>2</sup> TE (S/N): taxa de entrada no desemprego por mês, em porcentagem, (indivíduos que entraram no desemprego em um mês ou menos/indivíduos empregados)

<sup>3</sup> DMC (U/S): duração média completa do desemprego de estado estacionário, em meses (indivíduos desempregados/indivíduos que entraram no desemprego em um mês ou menos)

<sup>4</sup> DMI: duração média incompleta do desemprego corrente, em meses, (razão entre a soma da duração do desemprego de cada indivíduo desempregado e o número total de desempregados)

Pode-se notar, que o desemprego dos jovens, nesse período, foi sempre maior que a de adultos e idosos para as seis regiões metropolitanas. Esse fato fica claro no Gráfico 1 a seguir, referente à região metropolitana de São Paulo, que faz essa comparação entre as taxas de desemprego de cada categoria. Percebe-se a magnitude do problema do desemprego dos jovens no Brasil quando se observa que a taxa de desemprego juvenil é três a quatro vezes a taxa de desemprego dos adultos, por todo esse período.

**Gráfico 1 - Taxa de desemprego segundo faixa etária - São Paulo**



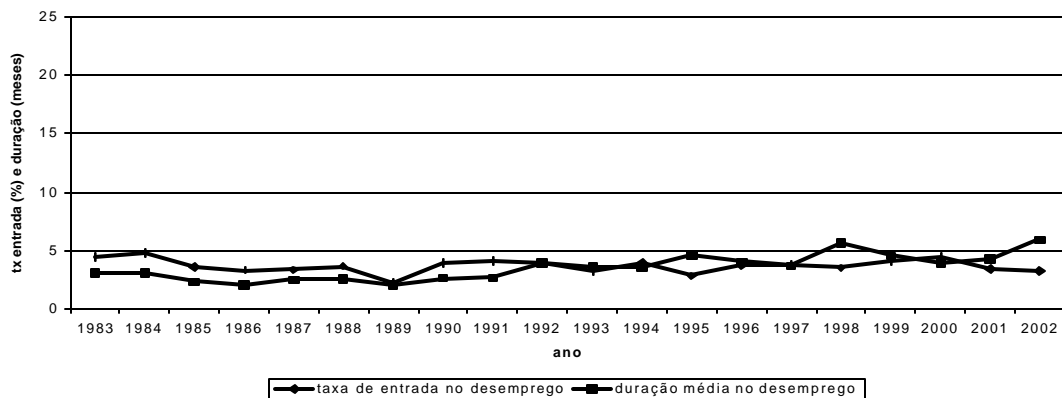
Fonte: Construído pela autora com base na PME

A decomposição da taxa de desemprego em taxa de entrada e duração média do desemprego, será melhor analisada com o auxílio dos Gráficos 2, 3 e 4 a seguir, que apresentam os resultados para as três categorias. Verifica-se que a taxa de entrada no

neste trabalho mostraram que isso também acontece para o caso brasileiro, e por isso observou-se que a duração média incompleta é maior que a duração média completa do desemprego.

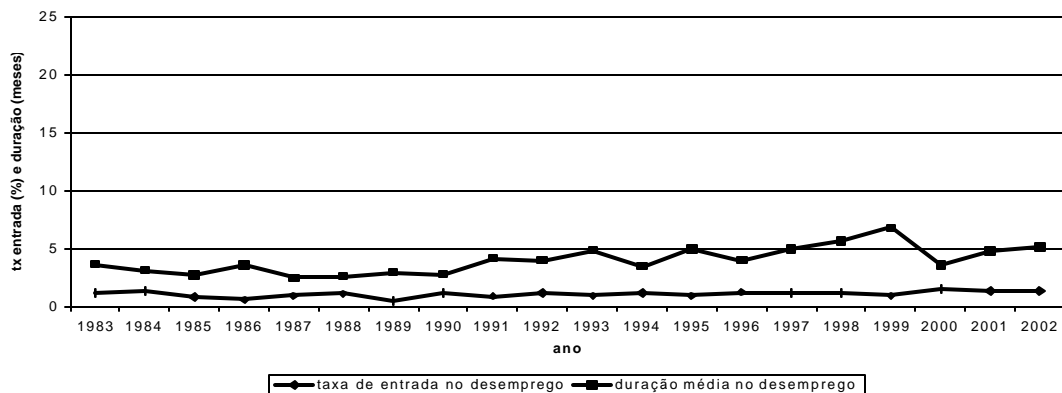
desemprego de adultos e idosos é baixa e a duração média, alta<sup>5</sup>. Portanto, o principal responsável pela magnitude da taxa de desemprego, dessas duas categorias, é a duração média do desemprego. Para os jovens, essa diferença não se verifica, ambas as medidas contribuem de forma igual para o alto desemprego juvenil. Porém, a duração média do jovem é tão alta quanto a do adulto e idoso, enquanto a taxa de entrada no desemprego é maior.

Gráfico 2 - Taxa de entrada e duração média no desemprego - jovem/SP



Fonte: Construído pela autora com base na PME

Gráfico 3 - Taxa de entrada e duração média no desemprego - adulto/SP

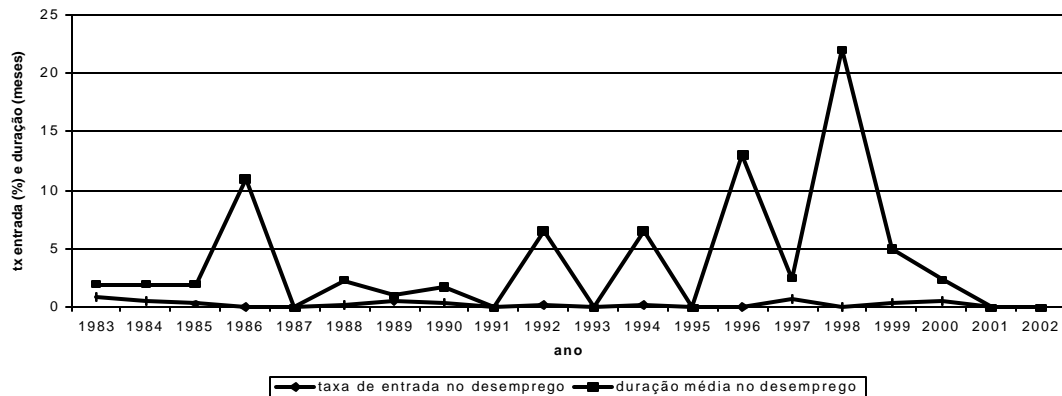


Fonte: Construído pela autora com base na PME

<sup>5</sup> Para os idosos, os picos apresentados nos gráficos para a duração média mostram a super-representação dos episódios de longa duração no desemprego.



Gráfico 4 - Taxa de entrada e duração média no desemprego - idoso/SP

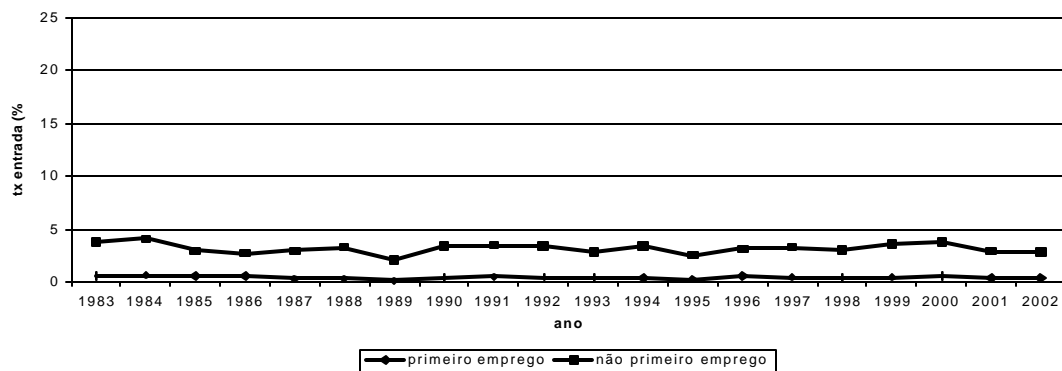


Fonte: Construído pela autora com base na PME

Desse modo, conclui-se que o que diferencia a taxa de desemprego de jovens da taxa de adultos e de idosos é a entrada no desemprego, uma vez que a duração média para as três categorias é muito parecida, e a taxa de entrada de jovens no desemprego é bem maior que a das outras duas categorias. Assim, o Gráfico 5 mostra a decomposição da taxa de entrada no desemprego<sup>6</sup>, evidenciando quanto desta taxa ( $S/N$ ) cabe aos jovens que estão procurando o primeiro emprego ( $S_p/N$ ), e aos jovens que tiveram empregos anteriores ( $S_{np}/N$ ), ou seja:

$$\frac{S}{N} = \frac{S_p}{N} + \frac{S_{np}}{N} \quad (2)$$

Gráfico 5 - Taxa de entrada no desemprego de jovens segundo procura por emprego - SP



Fonte: Construído pela autora com base na PME

Os gráficos deixam claro que a taxa de entrada no desemprego dos jovens que já trabalharam antes é bem maior que a dos que estão em busca do primeiro emprego. Os resultados mostram que pouco mais de 10% dos jovens que entram no desemprego, nesse período estudado, estão à procura do primeiro emprego, enquanto mais de 80% deles já tiveram empregos anteriormente.

<sup>6</sup> Novamente, como ilustração, tem-se a taxa média de entrada no desemprego dos jovens ( $S/N$ ), no período na região metropolitana de São Paulo, sendo de 3,73%. E, quando decomposta, a taxa de entrada do jovem que procura o primeiro emprego ( $S_p/N$ ) é de 0,50%, enquanto a do jovem que já trabalhou antes ( $S_{np}/N$ ) é de 3,23%.

Com esses resultados, sendo a taxa de entrada no desemprego o principal determinante pela elevada taxa de desemprego juvenil brasileiro, pode-se concluir que os jovens que já trabalharam anteriormente são os principais responsáveis, entre os jovens, pela alta taxa de entrada no desemprego da categoria. Logo, os que nunca trabalharam e procuram o primeiro emprego não têm muita influência nessa alta taxa de desemprego juvenil.

Como mencionado na seção anterior, trabalhos anteriores apresentam evidências de que a taxa de rotatividade é maior entre os jovens, e o que foi encontrado aqui é que, ela não só é maior, como também é o principal determinante para o desemprego juvenil ser tão elevado. É importante lembrar que, nesta seção, considera-se apenas os indivíduos empregados e desempregados, sem levar em consideração os inativos, e que Clark & Summers (1982) criticam essa visão do desemprego juvenil como resultado de altas taxas de rotatividade, por não considerar os movimentos de entrada e saída da força de trabalho.

Desse modo, na próxima seção, será analisada, de forma mais completa, a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro, utilizando os movimentos de transição entre os três estados do mercado de trabalho: emprego, desemprego e inatividade.

### **Fluxos de Entrada e Saída da Força de Trabalho**

Nesta seção, apresenta-se um retrato mais detalhado do mercado de trabalho, com os movimentos dos indivíduos da amostra entre os três estados do mercado de trabalho. A divisão dos fluxos brutos pelo tamanho do grupo leva a estimativas das probabilidades de transição mensais médias (a proporção de pessoas em cada estado do mercado de trabalho que deixa esse estado e rumo para outro até o mês seguinte).

Adota-se uma metodologia baseada em dois Clark & Summers. No primeiro (1982), os autores estudam a dinâmica do desemprego juvenil, utilizando matrizes de transição. Entretanto, os autores analisam somente até as probabilidades de transição. No segundo trabalho (1990), novamente utilizam matrizes de transição, mas desta vez fazendo uma análise mais completa, calculando, também, as frações de tempo que seriam esperadas que o indivíduo ficasse em cada estado do mercado de trabalho e as taxas de desemprego geradas por elas. Neste presente trabalho, serão calculadas, para jovens e adultos, as probabilidades de transição entre os estados, as frações de tempo e as taxas de desemprego de cada categoria. A inovação, aqui, será, para avaliar onde se encontra a causa da elevada taxa de desemprego dos jovens no Brasil, recalculando as taxas de desemprego de estado estacionário de cada uma das duas categorias, substituindo uma de cada vez, nas matrizes de transição, as probabilidades de transição da outra categoria. Por exemplo, usando a matriz do jovem, substitui-se a primeira linha, ou seja, as probabilidades de transição do emprego para os três estados, pela primeira linha da matriz do adulto; assim, observa-se como seria o comportamento do desemprego do jovem, caso tivesse as mesmas probabilidades do adulto.

No que se refere ao mercado de trabalho, torna-se indispensável conhecer os fluxos dos trabalhadores entre as categorias. A política apropriada a ser adotada dependerá do tamanho relativo desses fluxos mensais de um estado para outro e de quais são mais responsáveis pela taxa elevada. Os resultados informam sobre a extensão pela qual a alta taxa de desemprego dos jovens é causada pelos valores de cada uma de suas probabilidades de transição. Uma vez que diferentes políticas governamentais afetarão diferentes probabilidades de transição, chegar a essas conclusões pode sugerir os tipos de medidas a serem intensificadas ao se buscar a estrutura das taxas de desemprego da população.

Fonte de Dados

A base de informações utilizada, nessa seção, mais uma vez, será a PME, para o ano de 2001<sup>7</sup> nas seis regiões, e para os anos de 1986, 1991 e 1996 apenas para a região metropolitana de São Paulo. A intenção, com isso, é descartar a possibilidade de que os resultados sejam válidos apenas para uma das regiões ou que sejam um fato isolado no tempo. Consideram-se os dados de duas entrevistas mensais seguidas dos indivíduos, com a intenção de captar suas transições de um estado do mercado de trabalho de um mês para outro. Para o cálculo da taxa de desemprego observada da PME foi usada a segunda das entrevistas de cada indivíduo, do respectivo ano.

Aqui, utiliza-se apenas as duas primeiras entrevistas<sup>8</sup> do ano de cada indivíduo, gerando uma amostra composta por 235.769 observações, no total das seis regiões no ano de 2001 mais a região metropolitana de São Paulo nos anos de 1986, 1991 e 1996, onde 48% são do sexo masculino, 31% são jovens e 69% adultos. A idade média dos jovens na amostra é de 19 anos, e a dos adultos é de 40 anos.

A população será dividida em duas categorias, jovens (de 14 a 24 anos) e adultos (de 25 a 59 anos), e em três estados que mais diretamente dizem respeito ao mercado de trabalho e à própria dinâmica de formação de salários e emprego na economia: empregados ( $e$ ); desempregados ( $u$ ); e inativos ( $n$ ) (em idade ativa, mas fora da força de trabalho).

## Metodologia

A metodologia será baseada em matrizes de transição, apresentando os fluxos de entrada e saída do mercado de trabalho. Assumindo que o comportamento individual pode ser caracterizado por uma matriz de probabilidade de transição  $p^i$ , onde  $p_{jk}^i$  é a probabilidade do indivíduo  $i$  estar no estado  $k$  em  $t + 1$ , dado que estava no estado  $j$  no período  $t$ , e que  $\mathbf{p}_j^i$  seja a fração de tempo que o indivíduo  $i$  gasta no estado  $j$ :

$$p^i = \begin{bmatrix} p_{ee}^i & p_{eu}^i & p_{en}^i \\ p_{ue}^i & p_{uu}^i & p_{un}^i \\ p_{ne}^i & p_{nu}^i & p_{nn}^i \end{bmatrix}, \quad \mathbf{p}^i = \begin{bmatrix} p_e^i \\ p_u^i \\ p_n^i \end{bmatrix} \quad (3)$$

Da matriz de probabilidade de transição  $p^i$ , é possível calcular a proporção do tempo que seria esperada que o indivíduo  $i$  ficasse em cada estado do mercado de trabalho,  $\mathbf{p}_j^i$ . O problema é que os  $\mathbf{p}_j^i$  não são variáveis observáveis. Entretanto, admitindo que as probabilidades de transição entre os estados sejam independentes do tempo que os indivíduos estão em um determinado estado<sup>9</sup>, pode-se escrever:

<sup>7</sup> Optou-se pelo ano de 2001, pois a amostra de 2002 seria reduzida, a partir do fato que os dados correspondem aos seis primeiros meses do ano. E 2001 seria o ano mais recente do qual se tem dados para o ano inteiro.

<sup>8</sup> Ou seja, considera-se a transição do indivíduo, da ocupação que encontrava-se no mês da primeira entrevista concedida no respectivo ano, para a que declarou estar quando da segunda entrevista concedida no mês seguinte. Para anos ímpares, a primeira entrevista que o indivíduo concede no ano, na realidade já é a sua quinta entrevista, uma vez que considera somente indivíduos que começaram a responder os questionários da PME em anos pares, pois estes correspondem a mais de 80% da amostra (suas quatro primeiras entrevistas foram realizadas no ano par). Como o objetivo é somente captar a transição de ocupação de um mês para outro, é indiferente pegar a primeira ou quinta entrevista do indivíduo, optou-se pelo que gerava uma amostra maior. Então, para esses anos, a segunda entrevista corresponde, na realidade, à sexta entrevista.

<sup>9</sup> As transições entre os estados do mercado de trabalho são tratadas como um processo de Markov. Esta hipótese pode ser considerada muito forte, e se tal hipótese não for válida,  $\mathbf{p}_j^i$  será viesado. A crítica à essa hipótese seria que as probabilidades de transição são dependentes da duração, uma vez que quanto mais tempo o indivíduo está desempregado, maior seria a dificuldade para achar um emprego e menor a probabilidade de sair

$$\mathbf{p}_t = p^i \mathbf{p}_{t-1}. \quad (4)$$

Em estado estacionário,  $\mathbf{p}_t = \mathbf{p}_{t-1}$ . Logo, pode-se mostrar que:

$$p^i \mathbf{p}^i = \mathbf{p}^i \Rightarrow \begin{bmatrix} p_{ee}^i & p_{ue}^i & p_{ne}^i \\ p_{eu}^i & p_{uu}^i & p_{nu}^i \\ p_{en}^i & p_{un}^i & p_{nn}^i \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \mathbf{p}_e^i \\ \mathbf{p}_u^i \\ \mathbf{p}_n^i \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \mathbf{p}_e^i \\ \mathbf{p}_u^i \\ \mathbf{p}_n^i \end{bmatrix} \quad (5)$$

$$\begin{aligned} \Rightarrow p_{ee}^i \mathbf{p}_e^i + p_{ue}^i \mathbf{p}_u^i + p_{ne}^i \mathbf{p}_n^i &= \mathbf{p}_e^i \\ \Rightarrow p_{eu}^i \mathbf{p}_e^i + p_{uu}^i \mathbf{p}_u^i + p_{nu}^i \mathbf{p}_n^i &= \mathbf{p}_u^i \\ \Rightarrow p_{en}^i \mathbf{p}_e^i + p_{un}^i \mathbf{p}_u^i + p_{nn}^i \mathbf{p}_n^i &= \mathbf{p}_n^i \end{aligned} \quad (6)$$

onde uma equação do sistema linear descrito é uma combinação linear das outras equações. Porém, pode-se usar a relação  $\mathbf{p}_e^i + \mathbf{p}_u^i + \mathbf{p}_n^i = 1$ , substituindo em qualquer das equações, e, então, resolver o sistema.

A taxa de desemprego é dada por  $\frac{p_u}{p_u + p_e}$ , em estado estacionário. Faz-se uma comparação desta com a observada na PME, calculada por  $\frac{U}{U + E}$ , que representa a razão entre o número de pessoas desempregadas e o número de pessoas na força de trabalho no mês (aqui, utiliza-se a ocupação que o indivíduo declarou quando da segunda entrevista).

Após o cálculo das taxas de desemprego de estado estacionário, para avaliar as diferenças entre as duas categorias, recalcula-se essas taxas de uma das categorias substituindo, uma de cada vez, as probabilidades de transição da outra categoria. Por exemplo, se o objetivo for verificar o que aconteceria com a taxa de desemprego do jovem caso suas probabilidades de transição do emprego se comportassem como as do adulto, substitui-se a primeira linha da matriz  $p$  do jovem pela primeira linha da matriz  $p$  do adulto, uma vez que cada linha soma 1, além de ser independente das outras duas linhas da matriz. Ou seja, as transições do desemprego e da inatividade continuariam as mesmas do jovem, mas as transições do emprego seriam como as do adulto. Faz-se, assim, com que o jovem que está empregado tenha a mesma probabilidade que o adulto, de continuar empregado, ficar desempregado ou inativo. O mesmo procedimento será realizado para as outras duas linhas da matriz do jovem e também para as três linhas da do adulto.

## Resultados

Serão apresentados, a seguir, os resultados referentes à região metropolitana de São Paulo, para o ano de 2001<sup>10</sup>. As probabilidades mensais de transição entre os três estados do mercado de trabalho (emprego, desemprego e inatividade) para as duas categorias demográficas (jovem e adulto) estão apresentadas nas seguintes matrizes:

$$p^{jovem} = \begin{bmatrix} p_{ee}^1 & p_{eu}^2 & p_{en}^3 \\ p_{ue}^4 & p_{uu}^5 & p_{un}^6 \\ p_{ne}^7 & p_{nu}^8 & p_{nn}^9 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0,899 & 0,030 & 0,071 \\ 0,186 & 0,493 & 0,321 \\ 0,071 & 0,049 & 0,880 \end{bmatrix}$$

---

do desemprego, com a probabilidade de saída declinando com a duração. Em relação a essa crítica, é possível medir o viés das taxas estimadas comparando-as com as observadas na PME. Desse modo, verifica-se que o modelo usado neste trabalho ajusta-se bem aos dados.

<sup>10</sup> Lembrando que esses resultados de São Paulo, 2001, refletem bem o que acontece nos outros anos para São Paulo e nas outras regiões metropolitanas para 2001.

$$P^{adulto} = \begin{bmatrix} P_{ee} & P_{eu} & P_{en} \\ P_{ue} & P_{uu} & P_{un} \\ P_{ne} & P_{nu} & P_{nn} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0,946 & 0,016 & 0,038 \\ 0,261 & 0,450 & 0,289 \\ 0,096 & 0,034 & 0,870 \end{bmatrix}$$

Fonte: Construído pela autora com base na PME

<sup>1</sup>  $P_{ee}$ : probabilidade de um indivíduo empregado no período  $t$ , continuar empregado em  $t + 1$

<sup>2</sup>  $P_{eu}$ : probabilidade de um indivíduo empregado em  $t$ , ficar desempregado em  $t + 1$

<sup>3</sup>  $P_{en}$ : probabilidade de um indivíduo empregado em  $t$ , sair da força de trabalho em  $t + 1$

<sup>4</sup>  $P_{ue}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , conseguir um emprego em  $t + 1$

<sup>5</sup>  $P_{uu}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , continuar desempregado em  $t + 1$

<sup>6</sup>  $P_{un}$ : probabilidade de um indivíduo desempregado em  $t$ , sair da força de trabalho em  $t + 1$

<sup>7</sup>  $P_{ne}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , entrar na força de trabalho como empregado em  $t + 1$

<sup>8</sup>  $P_{nu}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , entrar na força de trabalho desempregado em  $t + 1$

<sup>9</sup>  $P_{nn}$ : probabilidade de um indivíduo inativo em  $t$ , continuar inativo em  $t + 1$

Com os resultados, conclui-se que na maioria dos cenários analisados, independentemente da idade, em  $t + 1$ , maiores são as probabilidades do indivíduo continuar no mesmo estado em que se encontrava em  $t$ . Estando em qualquer dos três estados em  $t$ , o adulto sempre tem maior probabilidade de estar empregado em  $t + 1$  que o jovem, com exceção de 1986 para São Paulo. Do mesmo modo, em qualquer dos três estados, o jovem tem maior chance que o adulto de encontrar-se desempregado ou inativo no próximo mês.

A seguir, encontram-se as estimativas para as frações de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho ( $\pi_e$ ,  $\pi_u$ ,  $\pi_n$ ) para jovens e adultos, e suas respectivas taxas de desemprego de estado estacionário e as observadas na PME, na Tabela 2 para a região metropolitana de São Paulo em 2001.

**TABELA 2**  
**Fração de tempo gasto em cada estado do mercado de trabalho e taxa de desemprego de jovens e adultos, São Paulo, 2001**

Categorias	Fração de tempo			Taxa de desemprego	
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u/(\pi_u + \pi_e)$ (%)	$U/(U+E)$ (%)
Jovens	0,461 (0,0172)	0,072 (0,0041)	0,467 (0,0165)	13,5 (0,0093)	13,8
Adultos	0,681 (0,0111)	0,037 (0,0019)	0,282 (0,0106)	5,2 (0,0029)	5,1

Fonte: Construído pela autora com base na PME

Pode-se concluir que os adultos passam mais tempo empregados, e os jovens passam mais tempo desempregados e na inatividade, resultando em uma taxa de desemprego juvenil que é mais que o dobro da do adulto<sup>11</sup>. O próximo passo é realizar o mesmo exercício para achar a fração do tempo que cada categoria gasta em cada estado do mercado de trabalho, porém, substitui-se, uma de cada vez, as linhas da matriz de uma categoria pela da outra. Primeiramente, usando a matriz de probabilidade de transição dos jovens e substituindo a primeira linha pela primeira linha da matriz dos adultos, observa-se como seria o tempo gasto em cada estado e o comportamento da taxa de desemprego caso o jovem tivesse as mesmas probabilidades de transição do emprego dos adultos; e, do mesmo modo, usando a

<sup>11</sup> Taxas de desemprego efetiva e calculada pela matriz são próximas, tanto para jovens como para adultos, indicariam que a hipótese forte de Markov não está viesando os resultados.

matriz dos adultos e substituindo a primeira linha pela dos jovens, tem-se como seria o comportamento da taxa do adulto caso tivesse as probabilidades de transição do emprego dos jovens. Os resultados encontram-se na Tabela 3, abaixo para São Paulo em 2001:

**TABELA 3**  
**Fração de tempo no mercado de trabalho e taxa de desemprego de jovens e adultos, substituindo a primeira linha das matrizes, São Paulo, 2001**

Categorias	Fração de tempo			Taxa de desemprego
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u/(\pi_u + \pi_e)$ (%)
Jovens	0,615 (0,0159)	0,052 (0,0002)	0,333 (0,0159)	7,8 (0,0007)
Adultos	0,533 (0,0096)	0,055 (0,0006)	0,412 (0,0096)	9,4 (0,0027)

Fonte: Construído pela autora com base na PME

Por enquanto, observa-se uma importância significativa da probabilidade de transição do emprego para a determinação da alta taxa de desemprego do jovem e da relativa baixa taxa do adulto. Da mesma maneira como foi feito na tabela acima, na Tabela 4 substitui-se a segunda linha da matriz de cada categoria pela da outra. Obtêm-se como resultados, o comportamento da taxa de desemprego do jovem (adulto) caso suas probabilidades de transição do desemprego fossem como as do adulto (jovem):

**TABELA 4**  
**Fração de tempo no mercado de trabalho e taxa de desemprego de jovens e adultos, substituindo a segunda linha das matrizes, São Paulo, 2001**

Categorias	Fração de tempo			Taxa de desemprego
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u/(\pi_u + \pi_e)$ (%)
Jovens	0,486 (0,0092)	0,066 (0,0005)	0,448 (0,0092)	12,0 (0,0041)
Adultos	0,664 (0,0137)	0,041 (0,0002)	0,295 (0,0137)	5,8 (0,0006)

Fonte: Construído pela autora com base na PME

Observa-se que essa substituição das probabilidades de transição do desemprego de uma categoria pela da outra não gera uma diferença muito significativa nos resultados, nem para jovens nem para adultos. Por esses resultados, não se pode afirmar que a transição do desemprego é tão importante na determinação da magnitude da taxa de desemprego. Novamente, na Tabela 5 para a região metropolitana de São Paulo, substitui-se a terceira linha da matriz de cada categoria pela da outra. Os resultados mostrarão os comportamentos de jovens e adultos, e suas respectivas taxas de desemprego, caso suas probabilidades de transição da inatividade para os três estados fossem como as da outra categoria:

**TABELA 5**  
**Fração de tempo no mercado de trabalho e taxa de desemprego de jovens e adultos,**  
**substituindo a terceira linha das matrizes, São Paulo, 2001**

Categorias	Fração de tempo			Taxa de desemprego
	$\pi_e$ (no emprego)	$\pi_u$ (no desemprego)	$\pi_n$ (na inatividade)	$\pi_u/(\pi_u + \pi_e)$ (%)
Jovens	0,514 (0,0096)	0,059 (0,0006)	0,427 (0,0095)	10,3 (0,0028)
Adultos	0,639 (0,0159)	0,047 (0,0002)	0,314 (0,0159)	6,9 (0,0007)

Fonte: Construído pela autora com base na PME

Apesar dessa substituição (inatividade) gerar uma diferença maior do que a anterior (desemprego), em relação aos resultados originais, ela ainda não é tão significativa como a substituição das probabilidades de transição do emprego.

A partir dessas simulações, constata-se que a menor probabilidade de continuar empregado, a maior de ficar desempregado ou sair da força de trabalho, em relação ao adulto, que o jovem apresenta uma vez empregado, são os principais determinantes do seu alto desemprego. Pode-se concluir que estando o jovem empregado, o comportamento da transição do emprego é o responsável por uma taxa de desemprego tão alta, uma vez que ao substituí-la pelo comportamento dos adultos a taxa de desemprego dos jovens diminuiu sensivelmente; e, com a transição do emprego como a do jovem, o adulto apresenta um alto desemprego. Portanto, mais uma vez, conclui-se que o comportamento da transição do emprego é fator determinante da taxa de desemprego para todas as categorias. O que sugere, assim como no capítulo anterior, que as questões da rotatividade e da participação dos jovens que já tiveram empregos têm grande influência no alto desemprego juvenil brasileiro.

## Conclusão

Entender e saber identificar a dinâmica do desemprego juvenil é muito importante, pois conhecendo sua estrutura e determinantes é possível identificar o perfil dos trabalhadores desempregados e desenhar políticas de geração de emprego que tenham um enfoque mais adequado para integrá-los ao mercado de trabalho. E, como já foi mencionado, os índices de desemprego juvenil são muito altos (e superiores aos de trabalhadores mais velhos) em todo o mundo, o que leva essa questão a ser muito debatida nos trabalhos internacionais sobre mercado de trabalho, com exceção do Brasil, onde o tema apresenta poucos estudos, especialmente empíricos. Recentemente, o emprego e o desemprego dos jovens são questões que vêm sendo objeto de preocupação crescente por parte dos governos e da sociedade, e a contribuição deste trabalho foi mostrar a concentração do desemprego dos jovens no Brasil, analisando seus determinantes e sua dinâmica, e identificando os motivos que levam o desemprego juvenil a ser tão superior ao desemprego de adultos.

Como nessa faixa etária concentra-se a maior parte das pessoas que procuram incorporar-se ao mercado de trabalho pela primeira vez, um dos argumentos para explicar o elevado desemprego é que o jovem tem dificuldade em conseguir o primeiro emprego. Porém, na terceira seção deste trabalho, mostrou-se que a duração do desemprego de jovens e de trabalhadores mais velhos é muito semelhante. A diferença entre esses dois grupos é a taxa de entrada no desemprego, muito maior para jovens. Efetuando a decomposição da taxa de entrada no desemprego, constatou-se que a parcela de jovens que está entrando na força

de trabalho e procurando o primeiro emprego não é tão significativa como a grande maioria que está entrando no desemprego por perder o emprego. Na quarta seção, ao testar as probabilidades de transição do mercado de trabalho, verificou-se que, seja jovem ou adulto, o fator determinante da alta ou baixa taxa de desemprego é a transição do emprego.

Com isso, então, pode-se responder a questão proposta na introdução desse estudo: será mesmo a dificuldade em obter o primeiro emprego que faz com que os jovens apresentem uma taxa de desemprego tão elevada, ou será a alta rotatividade no mercado de trabalho juvenil? Constatou-se que o jovem entra e sai de um emprego em um curto período de tempo. Assim, em relação a adultos e idosos, a duração no emprego é que é baixa, e não a duração no desemprego que é alta. A dificuldade está, pois, em permanecer no emprego por um período de tempo mais longo, e não em encontrar o emprego, seja ele o primeiro ou não. Isso faz sentido, uma vez que o jovem está começando a trabalhar e é longo o tempo de busca de uma inserção estável no mercado de trabalho. Portanto, o jovem que já esteve empregado anteriormente responde em grande parte pela magnitude dessa taxa de desemprego, e não o que nunca trabalhou e está em busca do seu primeiro emprego.

Os resultados encontrados neste trabalho corroboram trabalhos anteriores quando mostram que os jovens apresentam uma alta rotatividade no mercado de trabalho, ou seja, trocam de emprego com mais frequência, mas indicam, além disso, que essa rotatividade é o principal motivo por uma taxa de desemprego de jovens tão elevada e tão superior a de trabalhadores mais velhos.

### Referências Bibliográficas

- Barros, R. P., Camargo, J. M. & Mendonça, R. (1997). “A Estrutura do Desemprego no Brasil”, Rio de Janeiro, IPEA, Texto para Discussão, n. 478.
- Blanchflower, David G. & Freeman, Richard B. (2000). “The Declining Economic Status of Young Workers in OECD Countries”, in David G. Blanchflower and Richard Freeman, eds. Youth Employment and Joblessness in Advanced Countries, NBER and University of Chicago Press.
- Burgess, J., Mitchell, W., O’Brien, D. & Watts, M. (1998). “Unemployment: Promises, Policies and Progress”, Labor and Industry, dezembro, vol. 9, i. 2, p. 103 (1).
- Clark, Kim B. & Summers, Lawrence H. (1982). “The Dynamics of Youth Unemployment”, in Richard Freeman and David Wise, eds. The Youth Labor Market Problem: Its Nature, Causes and Consequences, p. 199-235, Chicago: University of Chicago Press.
- Clark, Kim B. & Summers, Lawrence H. (1990). “Unemployment insurance and labor market transitions”, in L. H. Summers, Understanding Unemployment, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- Corseuil, C. H. L. (1994). “Desemprego: aspectos teóricos e o caso brasileiro”, Rio de Janeiro: IPEA, abril (Série Seminários, 4/94).
- Corseuil, C. H. L., Gonzaga, G. & Issler, J. V. (1996). “Desemprego regional no Brasil: uma abordagem empírica”, Rio de Janeiro: IPEA, julho (Série Seminários, 09/96).
- Corseuil, C. H. L., Santos, D. D. & Foguel, M. N. (2001). “Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina”, Revista Economia Aplicada, vol. 5, n. 4.
- Fernandes, R. & Picchetti, P. (1999). “Uma Análise da Estrutura do Desemprego e da Inatividade no Brasil Metropolitano”, Pesquisa e Planejamento Econômico, vol. 29, n. 1.
- Fisher, A. (2001). “The kids are all right”, Fortune, 30/abr., vol. 143, i. 9, p. 28.
- Fougère, D., Kramarz, F. & Magnac, T. (2000). “Youth employment policies in France”, European Economic Review, vol. 44, i. 4-6, mai., p. 928-942.



- Freeman, Richard B. (1979). “*Why is there a youth labor market problem?*”, NBER Working Paper, 365.
- IBGE. *Pesquisa Mensal de Emprego*.
- Korenman, Sanders & Neumark, David (1997). “*Cohort crowding and youth labor markets: a cross-national analysis*”, NBER Working Paper, 6031, maio.
- Lassibille, G., Gómez, L. N., Ramos, I. A. & Sánchez, C. O. (2001). “*Youth transition from school to work in Spain*”, *Economic of Education Review*, vol. 20, i. 2, ab., p. 139-149.
- Layard, R., Nickell, S. & Jackman, R. (1991). “*Unemployment: Macroeconomic Performance and the Labour Market*”, Oxford University Press.
- Leighton, Linda & Mincer, Jacob (1979). “*Labor Turnover and Youth Unemployment*”, NBER Working Paper, 378, agosto.
- Madeira, F. R. & Rodrigues, E. M. (1998). “*Recado dos Jovens: Mais Qualificação*”, in *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*, Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), vol. 1, p. 427-496.
- Menezes-Filho, N. & Picchetti, P. (2000). “*Os Determinantes da Duração do Desemprego em São Paulo*”, *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 30, n. 1.
- Picchetti, P., Orellano, V. & Chahad, J. P. Z. (2002). “*Um modelo de decisões relacionadas à rotatividade de mão-de-obra no Brasil*”, in J. P. Z. Chahad e N. A. Menezes-Filho, *Mercado de Trabalho no Brasil: salário, emprego e desemprego numa era de grandes mudanças*, São Paulo: LTr, p. 247-276.
- Rocha, S. (1993). “*Metropolização da pobreza: uma análise nucleoperiférica*”, *Perspectivas da Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: IPEA, vol. 2, p. 527-539.
- Sarriera, J. C., Câmara, S. G. & Berlim, C. S. (2000). “*Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados*”, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 13, n.1, Porto Alegre, PUC-RS.
- Shimer, Robert (1999). “*The Impact of Young Workers on the Aggregate Labor Market*”, NBER Working Paper, 7306, agosto.
- Silva, N. D. V. (2001). “*Jovens brasileiros: o conflito entre estudo e trabalho e a crise de desemprego*”, Piracicaba. 131 p. Tese (Doutorado) ESALQ/USP.